VARIAÇÃO DIATÓPICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS TRECHOS DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA

Raniere Nunes da Silva (UEMASUL)
rntj29@hotmail.com
Gilberto Freire de Santana (UEMASUL)
gilbertofreiredesantana@hotmail.com
Matheus Carvalho Lima (UEMASUL)
mc420089@gmail.com

RESUMO

No uso da linguagem é possível identificar traços característicos da manifestação cultural e social de uma determinada comunidade de fala. Assim sendo, a identidade linguística do sujeito inserido num grupo social é refletida, também, nas produções artísticas e culturais desenvolvidas por ele, como nas canções de Luiz Gonzaga, nas quais se observam marcas da oralidade em suas composições. Este estudo discute variação diatópica; preconceito linguístico e ensino de língua materna. Para tal, por meio de pesquisa documental foram analisadas duas obras de *Luiz Gonzaga*, a partir disso, são feitos os apontamentos quando há variação diatópica. Esta pesquisa assenta-se na abordagem qualitativa e para fundamentá-la, utilizou-se autores como Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Frazão (2020),Soares (2017), *inter alia*. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, cabe às instituições de ensino refletir acerca da variação, a fim de que os educandos sejam capazes de perceber às diferenças linguísticas e sua relação com questões sociais, regionais e, dessa maneira, combater o preconceito linguístico em relação às variedades não padrão existentes num país multicultural e plurilinguístico como o Brasil.

Palavras-chave:
Preconceito linguístico. Variação linguística. Escola e ensino.

ABSTRACT

In the use of language it is possible to identify characteristic features of the cultural and social manifestation of a given speech community. Thus, the linguistic identity of the subject inserted in a social group is also reflected in the artistic and cultural productions developed by him, as in Luiz Gonzaga's songs, in which marks of orality are observed in his compositions. This study discusses diatopic variation; linguistic prejudice and mother tongue teaching. To this end, through documentary research, two works by Luiz Gonzaga were analyzed. From this, notes are made when there is diatopic variation. This research is based on the qualitative approach and to support it, authors such as Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Frazão (2020), Soares (2017), inter alia, were used. According to the Common National Curricular Base, it is up to educational institutions to reflect on variation, so that students are able to understand linguistic differences and their relationship with social, regional issues and, in this way, combat linguistic prejudice in relation to the non-standard varieties existing in a multicultural and plurilingual country like Brazil.

Keywords:
Linguistic prejudice. Linguistic variation. School and teaching.

1. Introdução

O Brasil é um país rico em diversidade cultural e linguística, essa pluralidade se dá pelas diferentes regiões que compõem o extenso território brasileiro, nas quais têm-se diferentes costumes, crenças, tradições, entre outras características que podem refletir direto ou indiretamente sobre a linguagem. Isso posto, é possível observar as diferenças linguísticas e dialetais de região para região, o que se tem denominado, nos estudos linguísticos e sociolinguísticos, de variação linguística, mais especificamente de variação diatópica, geográfica ou regional.

Para Coelho *et al*. (2020, p. 16), "a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado." Nesse sentido, pode-se dizer que existem duas ou mais formas para expressar a mesma coisa, não havendo prejuízos ou danos à comunicação, uma vez que a língua varia, sobretudo na oralidade, na qual pressupõe-se haver mais possibilidade de mudança, ao contrário da modalidade escrita da língua, que por ser mais conservadora, é menos tolerável à variação e tende a aproximar-se mais da norma tida como padrão.

Este trabalho enfoca discutir a variação diatópica. Para tanto, levou-se em consideração, neste estudo, a questão socioeconômica, ao refletir sobre o acesso desigual aos bens culturais, entre os quais a língua constitui-se como tal (BORTONI-RICARDO, 2005). Além do mais, buscou-se compreender as diferenças regionais em relação aos usos da língua, objetivando entender o que se constitui como padrão (de prestígio) e não padrão (desprestígio) na linguagem, trazendo essas reflexões para o contexto escolar.

Em um pais multicultural e plurilinguístico como o Brasil, o fenômeno da variação linguística deveria ser visto simplesmente como diferença de usos da linguagem, não como deficiência linguística ou cognitiva. Logo, inferiorizar uma forma linguística não padrão, conforme Bagno (2015), resulta no preconceito linguístico, que é uma arma usada contra àqueles que não dispõem de um repertório linguístico configurado à norma culta do português.

A identidade social do indivíduo também pode ser refletida nas manifestações artísticas produzidas por ele, como nas canções de Luiz Gonzaga, nas quais observam-se marcas da oralidade/fala na composição de suas letras. Para tal, optou-se pela pesquisa documental em duas canções do referido artista, apontando nos versos musicais a ocorrência da variação linguística, sobretudo, de cunho regionalista, nas quais o cantor e compositor nordestino transpõe para as suas músicas traços característicos de sua região e de seu grupo social.

2. A variação linguística no contexto social

A linguagem é inerente ao homem e ele a usa para comunicar e interagir em seu grupo social. Assim, a língua já nasce comprometida com o homem e desempenha um papel de suma importância para o estabelecimento das relações sociais. Quando analisamos a língua em uso, no cotidiano e em funcionamento, é possível observar a gama de variação existente em diferentes espaços geográficos.

Para Coelho *et al*. (2020:

> É a variação regional, também conhecida por variação geográfica, ou ainda diatópica, a responsável por podermos identificar, às vezes, como bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala. Através da língua, é possível saber que um falante é gaúcho, mineiro ou baiano, por exemplo [...] (COELHO *et al*., 2020, p. 38)

Conforme os autores, identifica-se as diferenças e peculiaridades de usos linguísticos em diferentes cenários regionais, ainda que em um mesmo país, há mais de uma forma de dizer a mesma coisa e, não obstante, entre os interagentes, a comunicação acontece. Nesse sentido, é refutada a ideia de uma língua homogênea e inflexível. Essa reflexão vai ao encontro da concepção de língua para Bortoni-Ricardo (2004), que é tida como um sistema heterogêneo e passivo de variação e mudança em diferentes contextos da vivência da linguagem.

Acerca dos contextos de usos da língua, a fala/oralidade é a que mais recebe influências do meio no qual o falante está inserido. Dessa forma, desde a aquisição da fala e, consequentemente, a formação do repertório linguístico do sujeito, que perpassa pela interação verbal no seio familiar e, por conseguinte, no convívio com os amigos, em igrejas, clubes, entre outros espaços de interação, o falante vai adquirindo identificadores linguísticos que faz de seu dialeto ou modo de falar uma expressão de si, do seu meio e de sua localização geográfica.

As diferenças linguísticas são percebidas, com mais frequência, na oralidade, principalmente a fala dos indivíduos que não dispõem, em seu repertório linguístico, do uso da norma-padrão, sendo a língua padrão melhor avaliada pela sociedade e escola. Diante disso, a ideia de que uma forma de falar é superior à outra, muito tem a ver com as desigualdades sociais, pois se tem os usos privilegiados e não privilegiados da língua e, ao considerar os grupos sociais que fazem o uso da língua culta, geralmente são os grupos em situação socioeconômica favorável e residentes nos centros urbanos.

Para Bortoni-Ricardo (2005):

> O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. Em sociedades com histórica distribuição desigual de renda (entre os quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidade (BORTONI-RICARDO, 2005, p.14)

A língua, nesse sentido, torna-se um instrumento de segregação entre os sujeitos, resultante da má distribuição dos bens culturais e, à vista disso, do acesso à norma culta. As diferenças de recepção no que tange à variação linguística e norma-padrão advêm da carga de avaliação positiva que é dada à língua padrão, ou seja, aos falares dos sujeitos mais escolarizados e residentes nos centros urbanos, bem como àqueles em situação socioeconômica favorável, em detrimento das demais variantes do português, isto é, as não padrão, tidas como inferiores, geralmente usadas pelos grupos sociais menos escolarizados e residentes em área rural ou regiões mais pobres do país.

Acerca da conceituação de norma padrão e não padrão, para Coelho *et al*.:

> [...] As variantes padrão são, *a grosso modo*, as que pertencem às variedade cultas da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser mais **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variedades não padrão tendem a ser **inovadoras**. (COELHO *et al*. p. 18) (grifo do autor)

A ocorrência do uso de regras não padrão tornou-se uma característica marcante na fala dos indivíduos que fazem parte das camadas

populares e em situação socioeconômica mais vulnerável. Desse modo, os "erros" de português ou desvios da norma tida como padrão, sendo o termo "desvio" mais apropriado para referir-se às diferenças de usos da língua, a motivação para a prática do preconceito linguístico, que segundo Bagno (2005), desprestigia ou inferioriza os "modos de falar" que não estejam em consonância com a gramática tradicional.

No contexto escolar, especialmente os alunos advindos das camadas populares, tendem a apresentar mais dificuldades em relação ao uso da língua padrão. Conforme Soares:

> É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminação e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante socialmente prestigiada. (SOARES,2017, p. 26)

É no espaço escolar que o aluno se depara com os conflitos linguísticos concernentes ao "bom uso" e "mau uso" da linguagem, bem como começa a perceber as diferenças entre o seu modo de falar e o da escola, visto que a produção linguística dos educandos, muitas vezes, é desvalorizada e considerada como "errada" e "inferior". Quando não há tratamento adequado, pelo professor, tende-se a erigir barreiras no processo de ensino e aprendizagem de língua, a dificuldade se dá uma vez que nem sempre é valorizada, suficientemente, a fala do aluno e, ao fazer isso, a escola não ratifica o aluno enquanto sujeito ativo no processo educacional e falante competente de seu idioma.

Tendo em conta que o aluno ao chegar no ambiente escolar já desenvolveu a competência linguística e consegue comunicar e interagir por meio da linguagem, é preciso que os professores e outros agentes que trabalham na intenção de contribuir para formação linguística do aluno, alargar esses conhecimentos e focar no desenvolvimento da competência comunicativa do educando, a fim de que o aprendiz consiga fazer uso da língua em diferentes contextos e situações comunicativas requeridas a ele.

Ferrarezi Jr. (2014), ao analisar os currículos das escolas brasileiras, aponta umas das causas dos problemas que são enfrentados frente à questão educacional, para ele:

> Como se pode ver os currículos ainda hoje adotados em nossos estabelecimentos correspondem a currículos de várias décadas atrás. São fundamentados na ideia de que o ensino da gramática normativa é suficiente e

> adequado para o desenvolvimento das quatro habilidades essenciais da comunicação (ouvir, falar, ler e escrever) e justamente por isso não trazem nem uma palavra sobre escrever como atividade representativa de valor social nenhuma palavra sobre leitura como atividade de formação social [...] (FERRAREZI JR., 2014, p. 32)

Conforme o autor, a escola carece de estratégias eficientes para o desenvolvimento de um ensino que valoriza à leitura e escrita como práticas sociais. Quando o aluno não encontra sentido ou não é motivado, suficientemente, para o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e escrita, mas, ao contrário, é oferecido ao aluno o ensino restritamente gramatical, as aulas de Língua Portuguesa tendem a ser fadadas ao desinteresse dos aprendizes. Portanto, não há um resultado satisfatório quanto ao uso considerado correto da língua, foco do ensino prescritivo, tampouco o aluno é levado a aprimorar e reconhecer a leitura e escrita como práticas sociais necessárias para o exercício pleno da cidadania e um caminho possível para a ascensão social.

As reflexões acerca da variação linguística no contexto escolar deve ser uma resposta ao perfil sociolinguístico dos alunos e, a partir disso, o professor de língua materna trabalhar em cima dessas dificuldades para tentar diminuí-las. Em face do que foi exposto, quando o professor se utiliza de metodologias que abordam as diferenças linguísticas e dialetais em sala de aula, reconhecendo a língua como um sistema heterogêneo e em constante variação e mudança, o conhecimento torna-se mais eficaz e menos carregado de julgamentos ou estereótipos negativos.

3. Linguagem e arte: diferenças dialetais e uso de regras não padrão

Muitos artistas, músicos, pintores, dramaturgos retratam em suas obras as características culturais e linguísticas de seu grupo social e/ou região geográfica. Nesse sentido, as expressões artísticas que refletem a cultura regional e linguística podem ser usadas como um meio pelo qual o professor de linguagem pode levar os alunos a refletirem e observarem as diferenças linguísticas e dialetais em diferentes regiões e o quanto a arte e a linguagem estão imbricadas nas produções artísticas e culturais em diferentes espaços geográficos.

Desse modo, a música pode ser utilizada em sala de aula para discutir questões relacionadas à variação diatópica, pois em algumas canções, como é o caso das músicas de Luiz Gonzaga, o compositor ao escrevê-la evoca suas memórias individuais e coletivas na construção de

suas letras musicais e, ao fazer isso, expressa sua realidade, sua cultura, linguagem e forma de enxergar o mundo.

Luiz Gonzaga[531] (1912–1989) foi um músico brasileiro, sanfoneiro, compositor e nordestino.Carinhosamente, ele recebeu o título de "Rei do Baião", pelo grande destaque que obteve no cenário artístico brasileiro. O "Rei do Baião" foi responsável pela valorização e propagação dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado para todo o país. A música "Asa Branca", escrita em parceria com Humberto Teixeira, fora gravada por Luiz Gonzaga no dia 03 de março de 1947, é tida como um hino do Nordeste brasileiro.

Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caiçara, em Exu, Sertão de Pernambuco, no dia 13 de dezembro de 1912. Filho de Januário José dos Santos, o mestre Januário, "sanfoneiro de 8 baixos" e Ana Batista de Jesus. Desde menino, Luiz Gonzaga já pegava na enxada, mas preferia ficar olhando o pai tocar sua sanfona. Logo aprendeu a tocar e animar as festinhas da região. Cresceu ajudando o pai na roça e na sanfona, mas também fazia pequenos serviços para os fazendeiros da região.

3.1. Variação Linguística presente nas músicas de Luiz Gonzaga

O contato com a diversidade cultural e linguística pode ser identificado para além da fala e dos diálogos informais do dia a dia. Desse modo, como dito anteriormente, por meio da arte regionalista e suas diferentes expressões artísticas, podem-se observar a pluralidade linguística e cultural existentes no extenso território brasileiro. No que concerne aos níveis de variação linguística, nas músicas do cantor nordestino selecionadas para este estudo, elas apresentam variação diatópica, que podem ser a nível fonológico e lexical, como será apontado nas canções de Luiz Gonzaga.

A seguir serão apresentadas duas músicas do cantor Luiz Gonzaga e, a partir disso, são feitos os apontamentos quando há variação linguística, principalmente de cunho regionalista, foco deste estudo.

[531] https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/.

Canção 1: Asa Branca – Luiz Gonzaga/ Humberto Teixeira.

*Quando **oiei**a terra ardendo*
Qual fogueira de São João
*Eu perguntei a Deus do céu, **uai***
Por que tamanha judiação (bis)
*Que braseiro, que **fornaia***
*Nem um pé de **prantação***
*Por **farta** d'água perdi meu gado*
Morreu de sede meu alazão (bis)
Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus
Rosinha Guarda contigo meu coração (bis)
Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para eu voltar pro meu sertão (bis)
*Quando o verde dos teus **óio***
*Se espalhar na **prantação***
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração.

Considerada uma das músicas mais famosas de Luiz Gonzaga, "Asa Branca" aborda a seca que assola parte da região Nordeste. Na canção, o eu lírico frente a um cenário desolador, chora as dores e os prejuízos causados pela grande seca e, ao reportar-se a Deus, expressa os questionamentos que circundam a sua mente. Além das lamúrias e reclamações existentes nos versos, decorrentes da falta de água, a música retrata a esperança e a espera por dias melhores.

Para Rebouças (1997):

> Luiz reproduz a mesma mentalidade ingênua de seu povo, visualizando a pobreza nordestina como algo advindo das condições geográficas do lugar, quando na verdade, uma distribuição responsável dos recursos hídricos do Nordeste seria suficiente para garantir a todos condições básicas de subsistência e de desenvolvimento, ou seja, o problema da seca, longe de ser uma questão de escassez, é um problema de gestão (REBOUÇAS, 1997)

A escassez dos recursos hídricos, descrita por Luiz Gonzaga, são problemas enfrentados até os dias atuais em muitas partes da região do Nordeste brasileiro, diminuindo a qualidade de vida e causando problemas para a população sertaneja, sobretudo dos residentes em área rural e cuja renda e alimentação advêm da agricultura. É nesse cenário que o compositor e artista nordestino retrata, em suas canções, as dificuldades

em decorrência da seca e das dificuldades que a escassez de água ocasiona nessa região do país.

Além do mais, na letra musical, pode-se fazer apontamentos referentes ao uso de regras não padrão e diferenças dialetais que permeiam os versos escritos pelos autores. Acerca disso, é feito uso de palavras e/ou expressões geralmente associadas aos falares dos moradores de áreas mais isoladas geograficamente, por exemplo, têm-se as palavras: **oiei**, **uai**, **fornaia**, **prantação**, **farta**, **óio**, sendo esses vocábulos indicadores de variedades regionais.

No primeiro verso, os autores escrevem **oiei** (ao invés de **olhei**) e **óio**(ao invés de **olhos**), verso décimo sétimo, ocorrendo a variação fonológica de despalatalização da nasal palatal do verbo olhei e olhos. Além da despalatização, no substantivo olhos, verifica-se que não foi usado o plural corretamente como deve ser na escrita, por isso, ao retirar o morfema /s/ marcador de plural, tem-se variação morfofonológica (COELHO *et al*., 2020). De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), em relação aos contínuos rural-urbano[532], em um dos polos estão as variedades rurais, sendo estas as que recebem carga de avalição mais negativa e, geralmente, são as variedades mais estigmatizados, visto que são mais recorrentes na fala de comunidades geograficamente mais isoladas. Isso posto, a palavra **oiei**e **óio** podem ser enquadradas como traços descontínuos, uma vez que essas variedades destoam dos falares urbanos e é mais recorrente na fala dos moradores de área rural. Ademais, tem-se o mesmo fenômeno fonológico na palavra **fornaia** (ao invés de **fornalha**), quinto verso, em que ocorre a despalatalização da nasal palatal /lh/ (COELHO *et al*., 2020).

No terceiro verso, verifica-se o uso da expressão **uai**, essa expressão é um indicador de diferença dialetal que, por ser usado comumente na oralidade. Porém, verificou-se no verso que os autores transpõem esse hábito da fala para a escrita, ou seja, tem-se uma expressão característica do dialeto em estudo. No décimo oitavo verso, os compositores fazem uso da palavra **prantação** (ao invés de **plantação**). Esse fenômeno fonológico se dá pela troca da consoante /l/ por /r/ e é descrito como um traço

[532] [...] Ao longo do*continuum* rural-urbano, a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação 'descontínua' e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 40).

descontínuo, por estar mais presente entre os falares rurais e receber avalição negativa, em decorrência do fenômeno de rotação (BORTONI-RICARDO, 2004).

A seguir, é feita a análise de mais uma música de Luiz Gonzaga e Zé Dantas:

Canção 2: Xote das Meninas – Luiz Gonzaga / Zé Dantas.

*Mandacaru, quando **fulora** na seca*
É o sinal que a chuva chega no sertão
Toda menina quando enjoa da boneca
É sinal que o amor Já chegou no coração
Meia comprida
Não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado
*Não quer mais vestir **timão***
Ela só quer, só pensa em namorar
Ela só quer, só pensa em namorar
De manhã cedo já está pintada
Só vive suspirando
Sonhando acordada
*O pai leva ao **doutô***
A filha adoentada
Não come não estuda,
Não dorme, nem quer nada
Ela só quer, só pensa em namorar
Ela só quer, só pensa em namorar
*Mas o **doutô** nem examina*
Chamando o pai de lado Lhe diz logo na surdina
O mal é da idade
A doença da menina
Não há um só remédio
Em toda medicina
Ela só quer, só pensa em namorar
Ela só quer, só pensa em namora.

Essa música, com ritmo forte e alegre, traz em sua letra as transformações físicas e emocionais vividas no período da puberdade de uma menina. É feita uma comparação entre os sinais do tempo que indicam o inverno no sertão e os sinais que a moça apresenta entre o período da infância e adolescência. Tal mudança é percebida pela rejeição dos brinquedos, a substituição das vestimentas, o salto alto, que podem representar o novo caminho que será trilhado, tudo isso é relacionado com o desabrochar da flor do mandacaru, planta abundante em algumas regiões do Nordeste, onde suas flores exalam um forte perfume atraindo abelhas e outros insetos, nesse sentido a menina mostra-se aberta ao amor e a paixão.Expressões como: **fulora**, **timão**, **doutô**, apontam as marcas da cul-

tura regional, a crença dos mais velhos para interpretar o começo de uma estação do ano, a pronúncia de certas palavras típicas de pessoas da zona rural. Além disso, é evidente o grau de instrução que impede até de identificar a puberdade da menina.

No primeiro verso, o compositor da canção faz uso da palavra **fulora**, em que ocorre variação lexical, uma vez que o vocábulo **fulora** tem o mesmo significado de **florescer**, sendo a primeira expressão mais simples e usada com mais frequência por grupos sociais mais isolados geograficamente ou grupos rurais. No oitavo verso, tem-se a palavra **timão**, que se refere a um tipo antigo de vestimenta. Hoje, o vocábulo **timão** é pouco usado e quase em extinção no dialeto nordestino, ratificando a capacidade de variação e mudança linguística ao longo do tempo. No décimo quarto verso, verifica-se variação na palavra **doutô**, ao invés de **doutor**, ou seja, o apagamento do /r/ pós-vocálico. A queda do /r/ pós-vocálico é um fenômeno fonológico recorrente na oralidade e, neste caso, foi transposto para o verso da mesma forma como é pronunciado (COELHO *et al*. 2020). Diante disso, foi possível identificar diferença dialetal e variação diatópica empregadas nos versos do autor e, ao fazer isso, traz para a canção traços regionais identificadores do seu grupo social.

4. Considerações finais

A língua, além de comunicar, também é um forte indicador social, assim, por meio dela, é possível identificar a origem do falante, o grau de escolarização do sujeito, entre outras características (COELHO *et al*., 2020). Nesse contexto, a língua, além de agregar questões regionais ediferenças dialetais,também é descortinada a assimetria de acesso à língua tida como padrão, sendo a norma-padrão restrita a grupo sociais mais privilegiados enquanto as variedades não padrão do português, como fora mencionado, é mais recorrente entre os falares dos grupos sociais menos escolarizados e, principalmente, em situação socioeconômica desfavorável e situados em regiões geográficas mais isoladas.

No processo educacional, o aluno, independentemente de sua classe social, terá contanto com a língua tida como padrão, uma vez que todos devem ter acesso à variedade privilegiada e culta, na escola. No entanto, o ensino de língua não deve se restringir somente a norma tida como culta, visto que a gama de variação linguística e diferenças dialetais também permeiam a realidade das salas de aula e devem ser refletidas e mediadas, pelo professor.

A música, enquanto expressão artística e cultural, em que se pode observar um reflexo das vivências culturais e linguísticas do autor, como é o caso das canções do compositor nordestino, portanto, acredita-se que o uso de músicas nas aulas de Língua Portuguesa pode ser uma escolha eficaz para trabalhar o tema da variação linguística e, consequentemente, a diversidade cultural e dialetal em diferentes espaços geográficos brasileiros.

Luiz Gonzaga, cantor que em suas letras retrata a realidade de parte do povo nordestino, reproduz a mentalidade ingênua, bem como os anseios enfrentados por pessoas dessa região. As músicas "Asa Branca" e "Xote das meninas", selecionadas para este estudo,descrevem claramente o modo de vida simples, as preocupações advindas da escassez de água e as dificuldades enfrentadas. Além do mais, no que se refere à variação linguística, é possível observar a variação diatópica, ou seja, os usos linguísticos referentes à comunidade linguística na qual o autor estava inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é que se faz. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC).* Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONO-RICARDO, S. M. *Nós cheguemu na escola e agora?*: Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M., SOUZA, C. M. N.; MAY, G. E. *Para conhecer sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2015.

FERRAREZI JR., C. *Pedagogia do Silenciamento*: a escola brasileira e o ensino da língua materna. São Paulo: Parábola, 2014.

FRAZÃO, D. *Luiz Gonzaga*: músico brasileiro. Disponível em: https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/. Acesso em: 15 jan. 2020.

REBOUÇAS, A. da C. Água na região Nordeste: desperdício e escassez. *Estudos avançados*, v. 11, n. 29, p. 127-54, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

SOARES, M. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.